

# COMPORTAMENTOS EM CRISE DESAFIOS PARA UMA TEOLOGIA MORAL

*José Antonio Trasferetti*

## INTRODUÇÃO

Quando conversamos com os mais velhos percebemos que constantemente estão comparando o presente com o passado. Normalmente ouvimos expressões assim: “antigamente não era assim”, “o mundo está perdido”, “é uma pouca vergonha” (...) e tantas outras afirmações que revelam sua perplexidade diante do mundo atual. A sociedade brasileira mudou e muito. Em pouco tempo vimos surgir tantos novos comportamentos que afetam a base da sociedade. Comportamentos, sobretudo, no campo da moral. Também vemos empresários e religiosos comentarem as dificuldades de se viver numa sociedade onde os valores estão mudando tão rapidamente. Os costumes, hábitos, normas de convivência estão sempre em mutação. São produtos da história e dos condicionamentos sociais (VASQUEZ, 1985, p. 235). Atualmente, fala-se em crise, desgaste, decadência, corrosão dos valores morais clássicos que marcaram as sociedades tradicionais. As pessoas que migraram do campo para a cidade sofrem na carne estes dilemas. Surge um novo *ethos* social. Os meios de comunicação ganham força, a família perde terreno, novos grupos, tribos, costumes se apresentam e ganham destaque. O dilema da moral é: fazer o quê? Como se comportar? As pessoas querem saber: por que a Igreja não muda também? Por que está sempre atrasada? Por que insiste em valores considerados “ultrapassados”?

São muitos os questionamentos e os dilemas que enfrentamos. As grandes transformações tecnológicas, científicas, comunicacionais, estão gerando novos comportamentos. Hoje já se fala em casamento via

Internet, muitos pais e mães acham normal os filhos (as) conviverem com o parceiro antes do “casamento”, corrupção na política já é vista como “esperteza” ou sinal de inteligência. A sexualidade não é vista mais como um “tabu”. Mulheres e homens expõem seus corpos em programas de televisão aos domingos em horários nobres. “Feiticeiras”, “Tiazinhas”, “Xuxas”, e agora a mais nova invenção do programa *O+* da TV *Bandeirantes* que se chama “Internética”, uma linda mulher que se expõe docemente. Todos estes exemplos estão diretamente ligados com a natureza dos meios de comunicação. Portanto, como analisar os fenômenos e contribuições de ordem comunicacionais para a sociedade?

Já sabemos que os meios de comunicação juntamente com a tecnologia contribuem fundamentalmente para novos valores da sociedade, e principalmente, a exclusão. Explica Soares (2000, p. 9) que:

*(...) a verdadeira natureza dos meios de comunicação: muito mais do que informar eles manipulam, deformando. As novas tecnologias de informação, dentro das quais a Internet representa um papel central, objetivam realmente promover a informação? No plano da globalização das colônias, parece uma hipótese bastante remota. Talvez seja bom lembrar que a escrita tem milhares de anos e que a imprensa existe desde o século XVI. Apesar disso, uma boa parte da humanidade ainda é analfabeta. Não estarão as novas tecnologias de informação destinadas a exclusão semelhante?*

As novas tecnologias, mais do que necessárias no mundo de hoje, também contribuem para o aumento da exclusão social, veja o exemplo da Internet:

*(...) a decorrente exclusão tecnológica reduz a Internet a uma rede de comunicações potencialmente global. Essa rede seria o mais eficaz meio de globalização da informação encontrado até hoje, se não considerássemos as condições econômicas degradantes das periferias e sua raiz sistêmica excludente (Soares, 2000, p. 9).*

Paradoxalmente, poderíamos pensar que apesar de todo o progresso estaríamos livres, inclusive, de doenças; no entanto, podemos já identificar, inclusive, “a globalização da doença”, ou seja “gerado pelo processo de exclusão e desinteresse dos países ricos em relação aos pobres, é que, juntamente com a globalização da economia, surge o processo de globalização das doenças” (ILBAÑEZ, 1997, p. 222).

*(...) documento da Federação de Cientistas Americanos (1995) alerta para a necessidade de um programa global de monitoramento e controle de doenças infecciosas emergentes e reemergentes. O Documento cita os recentes episódios da epidemia global de AIDS, da disseminação do vírus da dengue, do freqüente aparecimento de agentes desconhecidos, tais como as febres hemorrágicas, o ressurgimento da tuberculose e da cólera (...). O documento caracteriza como um possível problema global, por exemplo, uma nova infecção, que pode aparecer circunscrita a uma área sob determinadas circunstâncias e, em poucos dias ou semanas, espalhar-se por continentes inteiros (...)* (ILBAÑEZ, 1997, p. 222).

Com isso, aumenta o número de pessoas contaminadas com o vírus da AIDS causando muitas dificuldades éticas e morais no campo da prevenção e do comportamento sexual (TRASFERETTI, 2000, pp. 57-75). O que fazer? Como um cristão deve se comportar num mundo assim?

## 1. O CAMINHO DA CRISE

Nas sociedades tradicionais as mudanças ocorriam lentamente. Os lugares e as pessoas possuíam definições estabelecidas, os padrões de comportamentos eram marcados pela sua regularidade. Entretanto, a chamada “modernidade” transformou a nossa sociedade por dentro. Mais do que modernidade, hoje já falamos em ‘pós-modernidade’, “quem de fato introduziu o debate recente, nas suas configurações próprias, de pós-modernidade foi (...), Lyotard (1986), sugerindo o fim da modernidade e o surgimento de uma pós-modernidade” (NASCIMENTO, 1997, p. 79).

Entramos na era das técnicas, das ciências e da competição. A autonomia do homem, modelado no pensamento racional de E. Kant, Hegel, Descartes e tantos outros, veio trazer ao homem uma liberdade superior. O homem conquistou espaços, ganhou confiança, construiu caminhos. Sua autonomia se confundiu com sua heteronomia trabalhada nos pensamentos de K. Marx, S. Freud, F. Nietzsche, C. Lévi-Strauss e em tantos outros que reconheceram os condicionamentos sociais na construção da identidade humana. Esta sociedade “pós-moderna”, deixou o indivíduo perdido, produziu uma crise afetiva e espiritual, despertou a

busca de novas religiosidades, banalizou a sexualidade e todo relacionamento humano autêntico. Para Agostini (1997, p. 33) “a modernidade está em crise. Faz-se necessário buscar o ‘novo’ sem medo. Há sinais de que estamos entrando numa nova fase da história. Muitos a chamam de pós-modernidade. Esta vem marcada por uma crítica à modernidade e exige a delimitação de novas bases sustentadoras do humano. É necessário acompanhar o ser humano adequadamente neste novo tempo”. Eis o desafio para todos os cristãos: compreender este novo tempo superando sua crise e construir comportamentos sólidos e responsáveis.

Após a crise do “socialismo real” em 1989, ocorreu uma série de mudanças na sociedade (TRASFERETTI, 1998, p. 17). Acabou a Guerra Fria e a divisão dos países em blocos socialista/capitalista frutos da Segunda Guerra Mundial. As transformações culturais produzidas pela globalização produziram uma sociedade altamente complexa. O crescimento do poder das mídias, a desintegração familiar, os novos valores no campo do comportamento amoroso, e tantos outros fatores estão contribuindo para uma fragmentação social jamais vista.

A sociedade assiste conformada, sem saber que caminho tomar. As mudanças são bruscas e rápidas deixando atônitos seus interlocutores. O vazio tomou conta da alma do ser humano. Seus caminhos estão desencontrados e seus passos desequilibrados não conhecem o destino correto. Nossa sociedade se caracteriza por uma incerteza metafísica. Ela fere a alma e o coração de todo ser humano. As seguranças, os modelos, os padrões fugiram das nossas mãos. Falando sobre os dilemas que a juventude enfrenta, o teólogo moralista Márcio Fabri escreve:

*quando nos preocupamos com a crise de valores morais da juventude, estamos geralmente impactados por uma mudança de comportamentos que conflitam com nossas referências de algum modo já estabelecidas. Esta mudança altera no mínimo as formas de vivenciar o que genericamente chamamos de “valores”, como a liberdade, responsabilidade, fidelidade, amizade, sexualidade, autonomia; e de outro lado, altera também a hierarquia ou ordem de importância destes valores. A mudança é chamada de “crise de valores” e a crise é entendida freqüentemente em um sentido ético negativo (1999, p. 532).*

Neste ponto, o teólogo afirma que estas grandes mudanças afetam o sentido e o significado de nossa vida e nossas relações sociais. Nosso cotidiano, nossas formas de pensar, de conviver, de tomar decisões são fortemente influenciadas por esta avalanche incontrollável de novos valores que sorratamente invadem nossos costumes e atitudes formais e informais. Não possuímos o controle destas mudanças. Elas invadem lares, escolas, ruas, avenidas. Instalam-se no coração das pessoas detonando caminhos seguros e tradicionais.

Estamos perdidos diante de tantas transformações sociais, culturais, tecnológicas, comportamentais. Afirma Pierre Lévy (2000, p. 25):

*dados a amplitude e o ritmo das transformações ocorridas, ainda nos é impossível prever as mutações que afetarão o universo digital após o ano 2000. Quando as capacidades de memória e de transmissão aumentam, quando são inventadas novas interfaces com o corpo e o sistema cognitivo humano (a 'realidade virtual', por exemplo), quando se traduz o conteúdo das antigas mídias para o ciberespaço (o telefone, a televisão, os jornais, os livros, etc.), quando o digital comunica e coloca em um ciclo de retroalimentação processos físicos, econômicos ou industriais estanques, suas implicações culturais e sociais devem ser reavaliadas sempre".*

Tantas manifestações cruzadas invadem a alma aflita do habitante da cidade ou do campo. A televisão com suas formas e cores penetra nos lares, destrói e cria costumes, impõe regras e normas de condutas jamais vistas. Publicitários e marqueteiros a serviço do grande capital incitam o consumo, as compras, como se este fosse o melhor dos mundos possíveis. Tornamo-nos consumistas, compradores, vitrineiros, "geração shopping center". Mulheres e homens abusam da estética, não de maneira saudável, mas de forma repressora de uma beleza padronizada, de uma exigência social e midiática. Daí, muitos teóricos vivem em busca de saídas e respostas para este momento. Para o teólogo moralista Nilo Agostini (1997, p. 21) o mundo de hoje apresenta este seguinte ponto:

*Temos a impressão de que o 'mundo' está escapando de nossas mãos. Ele já não é mais marcado pela unanimidade, típica de um passado ainda recente, no qual as pessoas se entendiam facilmente sobre os fatos e os problemas que faziam parte de nossa vida e sociedade. Estes eram*

*percebidos e avaliados de maneira bastante parecida pelo conjunto das pessoas e da sociedade, pois estava claro o padrão a ser seguido por todos. Hoje não é mais assim. Por isso, dizemos que o mundo de nossos dias é plural, policêntrico, planetário, ecumênico.*

Uma das instituições mais afetadas por esta crise social que abala a sociedade é a família. Instituição querida pela doutrina social da Igreja Católica como lugar do crescimento e aperfeiçoamento da comunidade; “santuário da vida”; “célula primeira e vital da sociedade”; “Igreja doméstica”, ela vê seus valores sendo questionados e deslegitimados por práticas e ações perversas. O teólogo Agostini (1995, p. 65), apresenta seu pensamento nesta mesma direção. Para ele “o processo de transformações por que passa nossa sociedade, aliás muito acelerado nas últimas décadas, está provocando uma crise nas instituições tradicionais. Uma das instituições mais afetadas é justamente o pilar desta sociedade: a família”. Com a família posta em xeque-mate toda a sociedade vê seus valores sendo questionados de forma inapelável. Mas em que consiste realmente esta crise?

## 2. O SENTIDO DA CRISE ÉTICA

Segundo o filósofo Manfredo de Oliveira (1993, p. 41) a palavra *crise* transformou-se em categoria-chave para designar o que caracteriza a sociedade atual. Manfredo aprofunda a sua reflexão dizendo que se trata de uma crise de nosso *ethos*. A palavra *ethos* nos remete à dimensão mais profunda do nosso ser. Uma das manifestações desta crise é a crescente presença do individualismo e o desaparecimento da solidariedade entre os seres humanos. O individualismo vai se incorporando ao nosso dia-a-dia de tal modo que passa a ser associado de forma natural em nossa convivência social. Herrero (1984, pp. 5-10) afirma:

*o importante para nós agora é constatar que, nesta sociedade, o valor supremo passa a ser o da eficácia calculadora, o do resultado mensurável materialmente: toda decisão, todas as transformações dos processos de trabalho e de organização, todo emprego de forças disponíveis, tudo passa a ser justificado pela sua eficácia na dominação da natureza.*

Neste sentido, podemos afirmar que a dimensão comunitária do ser humano fica esvaziada de sentido. Tudo pode ser válido se responde à auto-realização dos indivíduos. Para Oliveira (1993, p. 42), uma “sociedade que busca acima de tudo o interesse de indivíduos isolados, organizando o processo de produção em função do primado do indivíduo, radicou-se numa mentalidade calculista, típica da administração empresarial, e estendeu essa mentalidade a todas as dimensões da vida humana, privada e pública”. O resultado desta sociedade é a crescente desigualdade social que se manifesta. As últimas pesquisas apontam que existem 55,6 milhões de pobres, ou sejam 34% da população, além de contar com um contingente de 23,5 milhões de indigentes. Os 10% mais ricos absorvem metade da renda e 50% da população têm apenas 10% da renda<sup>1</sup>.

Para Oliveira (1993, pp. 42-43) o trágico desta situação “é que as migrações acentuadas estão provocando a convivência das duas sociedades numa só, o que permitiu os contrastes sociais mais aberrantes”. A convivência cotidiana entre pobres e ricos numa mesma cidade aponta para o “escândalo moral” produzido por este novo *ethos* social em gestação.

A “ética do sucesso” e desejo explícito de “levar vantagem em tudo” produz uma sensação de insensibilidade gritante. Por isso, “pouco importa a indecorosa agressão à natureza e sua conseqüente depredação pelo desmatamento incontrolado, pelas queimadas, pela pesca predatória, pela poluição de todas as formas, pelo abuso de agrotóxicos, que ameaçam a sobrevivência humana não só no Brasil, mas no mundo.” (OLIVEIRA, 1993, p. 43). No campo do comportamento político os princípios éticos foram suplantados pela política realista na versão negativa maquiavélica com claros sinais de corrupção generalizada, clientelismo, autoritarismo, demagogia e tantas formas de mascaramento. Em recente artigo no jornal a *Folha de S. Paulo*, Luiz Inácio Lula da Silva considera importante para a ética na política que o governo procure investigar a fundo todos os “desvios e buscar um padrão honesto de conduta”. No centro da crise ética está o comportamento consumista globalizado, cujos desejos de ter e prazer ganham força desmesurada. Oliveira (1993, p. 44) ainda acrescenta que:

---

(1) Fonte: MEDEIROS, M., Brasília, Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), Jornal *O Povo Online*, Fortaleza, 06 de setembro de 2000.

*cria-se assim, pouco a pouco, uma mentalidade viciada pelo conformismo a essa situação, pela indiferença aos problemas maiores da sociedade, pela simples acomodação ao novo ethos 'cultural'. Um ethos utilitarista que carrega consigo todas as mazelas deste processo acelerado e desigual de desenvolvimento onde os interesses individuais se opõem aos comunitários. Insiste-se na tendência em relativizar a moral, as 'culturas', 'classes sociais' e outras formas de acomodamento econômico. O particularismo e o relativismo tomam conta dos padrões de comportamento em forma decisiva.*

Oliveira (1993, p. 44) ainda coloca uma questão central:

*como enfrentar, portanto, em escala mundial, com uma moral particularista, limitada aos quadros estreitos de uma cultura, problemas como os da violência, do sistema internacional de produção, do risco de aniquilamento nuclear, da ameaça de sobrevivência da humanidade pela degradação dos ecossistemas, da pauperização crescente de milhões de pessoas e de muitas nações? Como enfrentar com espírito particularista as ameaças globais à humanidade nos dias de hoje?*

Continuando este raciocínio, Oliveira (1993, p. 45) afirma que “essa acumulação de crises, provoca, em última análise, uma crise de motivação de vida, uma crise de sentido”. Deste modo compreende-se que a crise que estamos passando é uma crise dos fundamentos e dos fins da própria vida social. Daí, talvez se explique esta fuga para a interioridade, e a incapacidade de agir eficazmente para transformar a sociedade no seu conjunto multifacetado.

### **3. SUPERANDO A CRISE**

A crise não tem um sentido unicamente negativo. Pode ser um momento produtivo para o ser humano. Um momento de crescimento sugestivo e superação de suas dificuldades. A sociedade deve encontrar formas de compreensão do seu momento histórico através de uma reflexão apurada. Sociedades complexas, situações paradoxais estão cada vez mais marcando a vida dos cidadãos. As sociedades urbanas caracterizadas pela fragmentação social têm deixado os indivíduos

perdidos. Acordar deste pesadelo é nossa tarefa enquanto agentes sociais. Especialmente no campo da moral precisamos encontrar saídas plausíveis. Apesar de não termos “modelos fixos de comportamento” a apresentar, estamos todos interessados em superar nossas próprias dificuldades.

Em entrevista para o jornal *Correio Popular* de Campinas, o teólogo Pedro Cipolini, aponta a prática da solidariedade como uma das formas mais concretas e reais de esboçarmos sinais de alguma mudança social. Para este autor, a crise que se abate sobre a cidade tem raízes antropológicas e espirituais. Trata-se de uma crise social e de sentido, que destruiu, inclusive, a capacidade do homem de se promover enquanto ser humano portador de dignidade. É por isso que, para ele, além de mudarmos o modelo de sociedade vigente é preciso favorecer o surgimento de novos laços intercomunicacionais. Cipolini nos diz que a “solidariedade começa pela defesa do que é mais frágil e a missão do Estado é defender o mais fraco” (CIPOLINI, 2000, p. 6). Proteger o mais carente está no cerne da mensagem cristã.

O que está em jogo é o modelo de sociedade. É preciso sair deste modelo perverso que valoriza o capital em detrimento do ser humano, que transformou o mercado num deus devorador, que destrói a terra e todas as suas relações harmoniosas. Mais do que éticas particularistas, é necessário construirmos uma consciência planetária que valorize todo ser vivo, que recupere a dignidade moral, que valorize a vida em suas múltiplas manifestações de amor e beleza. O ser humano está decaído, doente, triste. O ser humano triste entristece todo o planeta, porque ele está no todo como o todo está nele. A terra é a nossa casa. Boff (2000, p. 22) afirma que:

*mais e mais ganha adesão na consciência coletiva a constatação de que a terra é um superorganismo vivo que tem bilhões de anos de evolução e de história. A terra é parte da história do universo; a vida é parte da história da terra, e a vida humana é parte da história da vida. Cosmo, terra, vida e humanidade não são realidades justapostas, mas formam um todo orgânico. Como humanos, somos filhos e filhas da terra, melhor ainda, somos a própria terra que chegou ao seu momento de consciência, de sentimento, de liberdade, de responsabilidade e de veneração sagrada.*

A consciência histórica, que ultrapassa qualquer antropologia metafísica, está ancorada na certeza de que a vida e toda a vida deve ser

amada e preservada do jeito que o criador em sua bondade a modelou. Neste sentido, é preciso valorizar a criação de uma ética global que tenha por excelência defender toda a criatura em suas mais variadas formas de cores e nomes.

É necessário o resgate da família, enquanto instituição secular que abarca a formação dos valores, na valorização do relacionamento amoroso como dom gratuito de Deus. Na sua expressão mais rudimentar, a família acompanha os traços do amor feito sacramento em formas variadas. Para Pedro Cipolini a recuperação da família, enquanto espaço de convivência fraternal, caminho do encontro amoroso com Deus, educação permanente dos valores perenes, torna-se uma exigência ética fundamental para o nosso tempo. Assim afirma:

*sem família como acabar com a violência em uma cidade? O Estado não substitui a família. Ele pode dar creche, educação, o que for, mas ele não é obrigado a ensinar a solidariedade. Isso é uma adesão sua; você adere ao modo de vida solidário e o treino para isso é a família. É na família que você aprende a noção de autoridade. Sem a reconstrução da família, dificilmente teremos uma sociedade solidária e uma cidade feliz (2000, p. 2).*

Além da recuperação da família é fundamental recuperar a espiritualidade. A crise social afeta o homem em sua dimensão econômica, cultural, política, mas também, e de modo especial, o seu estado de ânimo. Encontramos muitas pessoas cansadas, onde a oração e o encontro com Deus se fazem necessários. Deus aparece como uma força, uma luz, que orienta seus caminhos tristes. No fundo do seu coração ele espera aquele aconchego amoroso que somente Deus pode oferecer. Para o teólogo Leonardo Boff, o século XXI será um século espiritual que valorizará todos os caminhos e buscas espirituais. O homem urbano está carente. Ele busca em Deus o alívio para as suas cores, o colo da mãe, o afeto do irmão e do pai. Explica Boff que:

*essa espiritualidade ajudará a humanidade a ser mais co-responsável com seu destino e com o destino da terra, mais reverente diante do mistério do mundo e mais solidária para com aqueles que sofrem. A espiritualidade dará leveza à vida e fará que os seres humanos não se sintam condenados a um vale de lágrimas, mas se sintam filhos e filhas da alegria de viver juntos neste mundo, sob o arco-íris da graça e da benevolência divina. (BOFF, p. 24).*

Portanto, a crise que abala o ser humano neste tempo de transformações profundas é superável. É preciso redimensionar a vida, descobrir novos modelos de produção de bens, equacionar o sentido da existência, aprimorar nossos costumes e hábitos. Construir uma ética global, nos moldes do pensamento de Hans Küng, Hans Jonas, Vittorio Hösle, e uma ética da responsabilidade, como foi proposta por Max Weber. Apesar de todas as dificuldades a vida ainda tem chance!

## CONCLUSÃO

Para o teólogo Agostini, “a realidade do ‘povo brasileiro’ vem marcada pela pluralidade sócio-cultural”. Com isso, queremos dizer que “não existe um, mas muitos homens diversamente brasileiros”. A nossa realidade é plurifacial. O resultado disso é uma “realidade complexa, contraditória e, não raro, ambígua, haja vista a ‘evolução’ de nossos padrões” (AGOSTINI, 1995, p. 78). Portanto, a identidade do povo brasileiro é de caráter multifacetário. O antropólogo Darcy Ribeiro, comentando a formação da origem do povo brasileiro relata também a complexidade das culturas e raças:

*(...) Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo, num novo modelo de estruturação societária.*

*(...) A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória européia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos (1997, pp. 19-20).*

As sociedades urbanas, hoje, se caracterizam pela dificuldade de relacionamento entre as pessoas. No livro *Teologia e Realidade Social* afirmo que:

*um dos grandes males deste final de século é a falta de comunicação entre as pessoas. A sociedade moderna, na sua ânsia de conquistar bens materiais, está deixando as*

*... pessoas cada vez mais isoladas. Apesar de viverem próximos uns dos outros, os seres humanos estão procurando cada vez mais a solidão. Enclausurados em suas próprias casas, vivem assistindo à televisão e comendo pipoca. As portas estão sempre fechadas e quando saem as ruas, pouco se comunicam* (TRASFERETTI, 1998, p. 61).

Estas sociedades estão cada vez mais complexas nas suas formas paradoxais de intercomunicação. Otto Apel e J. Habermas, embasados no pensamento de E. Kant, construíram uma ética da argumentação, mostrando a importância do diálogo para a construção do exercício democrático. Segundo Olinto Pegoraro, suas proposições básicas são as seguintes:

- *os princípios dependem da criatividade dos participantes do diálogo;*
- *para solucionar problemas éticos concretos adota-se um princípio diretor e não uma teoria global;*
- *princípio ético resulta do consenso entre todos os interlocutores na discussão do problema;*
- *a solução adotada não passa a ser uma regra definitiva a ser aplicada sempre e por igual* (PEGORARO, 1997, p. 42).

Não seria um caminho para sairmos deste pesadelo? Podemos e devemos encontrar muitos caminhos. A sociedade, nas suas formas mais elementares, tem deixado as pessoas perplexas. Porém, é nossa obrigação descobrirmos alternativas de saída que sejam respostas plausíveis e coerentes para nossos irmãos. As dificuldades de encontrar caminhos e de tomar decisões éticas tornam-se cada vez mais evidentes. Cito o teólogo Kenneth Overberg: “As questões éticas raramente são claras. Quase sempre são confusas. O desconcertante avanço da tecnologia, a complexidade dos padrões culturais, o pluralismo dos estilos de vida e dos valores, tudo isso tornam difíceis as decisões morais” (OVERBERG, 1999, pp.11-12).

Sem capacidade para compreender o que está ocorrendo ao nosso redor, sem condições de acompanhar todos os passos das constantes transformações sociais e culturais, acabamos ficando à mercê do rolo compressor que move a cidade e seus habitantes. Os valores culturais penetram subliminarmente em nossas mentes e comportamentos, as normas e regras morais vão adquirindo outras cores e tonalidades. O homem moderno está fragmentado, indeciso, triste e

perdido. Por isso, é fundamental construirmos uma moral da liberdade com educação e responsabilidade.

Em artigo publicado na revista *Cadernos de Teologia* (1997, pp.36-38) apresentei as bases deste pensamento. Agora, entretanto, reafirmo que:

*a própria teologia moral precisa renovar-se para acompanhar a evolução do mundo. Ela precisa tornar-se uma moral positiva que fale do amor com gratuidade, que compreenda os limites do humano, que liberte o ser humano em função do seu crescimento cada vez mais livre e aberto à sua própria construção e a Deus. Precisamos estimular uma moral voltada para a pessoa na sua totalidade; que julga a vida no seu complexo modo de ser, e não somente através de normas e regras desenraizadas do seu cotidiano; que integra socialmente a dimensão histórico-social na pessoa e sua co-responsabilidade para com a sociedade e consigo mesma. (TRASFERETTI, 1997, p. 49).*

Diante de tantos dilemas difíceis, a ética é a nossa forte aliada. Em sua preocupação com a vida humana no seu convívio social e planetário, ela pode e deve contribuir com gestação de novos valores que dignifique toda a vida em toda a terra.

## BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINI, N., *Ética e evangelização*, Petrópolis, Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_, *Teologia moral*, Petrópolis, Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_, *Teologia moral: entre o pessoal e o social*, Petrópolis, Vozes, 1995.
- BOFF, L., *Século XXI: século da espiritualidade?* em *Vida Pastoral* nº 214 (set./out. 2000), São Paulo, Paulus.
- CIPOLINI, P. C., *Campinas está doente e, sem solidariedade, jamais será feliz, diz padre*, *Correio Popular*, Campinas, 31 de agosto, 2000. Entrevista a Maria Teresa Costa.
- DE OLIVEIRA, M. A., *Ética e racionalidade moderna*, São Paulo, Loyola, 1993.

- DOS ANJOS, M. F., *Juventude e crise de valores morais*, em *REB 59* (setembro de 1999), Petrópolis, Vozes.
- ILBAÑEZ, N., *Globalização e saúde*, em DOWBOR, L., IANNI, O., RESENDE, P. E., *Desafios da globalização*, Petrópolis, Vozes, 1997.
- LÉVY, P., *Cibercultura*, São Paulo, Editora 34, 2000.
- OVERBERG, K. R., *Consciência em conflito*, São Paulo, Paulus, 1999.
- PEGORARO, O., *Ética e seus paradigmas*, em HÜHNE, L. M. (org.), *Ética*, Rio de Janeiro, UAPÊ:SEAF, 1997.
- Pesquisa: Brasil tem 23,5 milhões de indigentes, *Jornal O Povo Online*, Fortaleza, 6 de setembro de 2000.
- RIBEIRO, D., *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SOARES, D., *Globalitarismo e dependência tecnológica: considerações sobre a transnacionalidade de uma crise*, *Ciberlegenda*, n. 2, 1999.
- TRASFERETTI, J. A., *A vida na verdade: a poética política de Vaclav Havel*, Campinas, Alínea, 1996.
- \_\_\_\_\_, *Consciência moral e discernimento na busca de uma moral de responsabilidade*, *Cadernos de Teologia*, n. 3, (maio de 1997), Campinas, ITCR da PUC-Campinas.
- \_\_\_\_\_, *Teologia & realidade social*, Campinas, Alínea, 1998.
- \_\_\_\_\_, *Encountering a Brazilian Man Abandoned in his Illness*, em KEENAN, J. (ed.), *Catholic Ethicists on HIV/AIDS Prevention*, New York/London, Continuum, 2000.

**O Pe. José Antonio Trasferetti, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, é Professor Titular do ITCR da PUC-Campinas, lecionando Antropologia Teológica, Moral Social e Ética e Política no Programa de Pós-Graduação em Filosofia.**